

## **O Homem, o Social e o Progresso da Humanidade: a Fragilidade das Conquistas Humanas Frente a um Mundo de Relações Desvirtuadas na Obra de Saramago**

**Giliarde Ribeiro Nascimento<sup>1</sup>, Bruno Vinícius Nascimento Oliveira<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Acadêmico de Direito da Universidade Federal do Tocantins – UFT e Membro do Núcleo de Estudos em Linguagens e Políticas Públicas para a Educação – NELPPE (IFTO). e-mail: [giliarderibeiro@hotmail.com](mailto:giliarderibeiro@hotmail.com)

<sup>2</sup>Graduado em Direito com especialização em Ciências Criminais, assessor jurídico do Tribunal de Justiça do Tocantins e Professor da Faculdade de Ciências Jurídicas de Paraíso do Tocantins - UNEST . e-mail: [brdamaso@gmail.com](mailto:brdamaso@gmail.com)

**Resumo:** Realizou-se no presente trabalho uma reflexão social crítica com base na obra “Ensaio sobre a Cegueira” do célebre escritor português José Saramago. No decorrer da reflexão, discorreu-se de forma a entender o homem enquanto ser social e progressista, objetivando, dessa forma, contribuir para uma participação consciente do mesmo em sociedade. Desenvolveu-se o estudo com cunho qualitativo, recaindo o mesmo sobre a sociedade contemporânea tratada pelo autor em relação à cegueira de seus membros frente às mazelas sociais. Tal cegueira alude o ser humano ao atual estado de insensibilidade para com os institutos formadores da identidade humana, os quais passam, por assim dizer, despercebidos.

**Palavras-chave:** Homem, institutos sociais, progresso

### **1. INTRODUÇÃO**

Pode-se entender que a literatura, instituição social, é uma porta para mundos novos ou novas interpretações acerca do mundo que já conhecemos; mundos de experiências, relações e descobertas que acrescentam ao ser humano novos conhecimentos, novos horizontes e buscas. É por meio da leitura crítica que apercebemos o espaço social, histórico, geográfico, cultural, etc. no qual estamos dispostos.

Por meio da leitura resgatamos nossas lembranças mais especiais, que fazem parte da nossa cultura. Essa cultura que nos foi dada tem como finalidade a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus atos, porém essa cultura se dilui e se perde diariamente, e é este saber, esta cultura que precisa ser recuperada (BRITO, 2010, p. 3).

Dentre os já alencandos, a cultura é a que mais se mostra responsável pela posição, comportamento do homem enquanto ser social para com os outros seres humanos e para com o mundo que o cerca. Entender-se como ser atuante de um sistema é aclarar a condição do homem, a busca pelo entender da visão que o condiciona.

Para Laraia (2001, p. 67) homens de cultura diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas.

Diante dessa afirmação, tem-se que o progresso humano, o caminhar de todos em busca de objetos comuns, depende de uma relação harmônica de todos para com todos, relações calcadas na união, na disciplina, no respeito e na busca de ideais comuns.

Porém, Correia (2010) observa que a sociedade contemporânea aliena-se da condição humana, ficando evidente a fragmentação e imersão da mesma numa ideologia que preza pelo caráter individualista, egoísta e consumista; vivendo a mercê dos acontecimentos, sem sentir, sem auscultar, sem ver e sem ser, frisa-se.

Contudo, através da reflexão literária o ser humano pode se posicionar no mundo em que vive; procurar entendê-lo, e, decidir intervir ou não na realidade deste. Ter uma obra literária como um possível instrumento real de sugestão e intervenção é o que reafirma a importância da literatura no mundo (BARATA, 2005).

É com a premissa de refletir sobre o mundo, a realidade da vida humana, que José Saramago em “Ensaio sobre a Cegueira” tende sua obra.

A obra de Saramago é um grande objeto de estudo, o qual possibilita inúmeras reflexões de vertentes várias sobre o homem e sua atuação enquanto ser social.

É com o intuito de contribuir para a reflexão social do homem que se faz importante o presente trabalho.

Tomando por base a obra desse grande escritor, objetiva-se refletir, com abordagem qualitativa, sobre o homem, as relações sociais, as conquistas e as fragilidades deste sob a ótica do mundo como este de fato é apresentado pelo autor, mundo desvirtuado, fora os artificios de camuflagem desenvolvidos pelo próprio ser humano para tornar a relação humana harmoniosa e rumar todos ao progresso, o qual, diga-se, tem como base um ser humano frágil.

## **2. O OBRA**

A narrativa do autor tem como trama um mal que assola os seres humanos, uma cegueira totalmente diferente da cegueira comum, tomada pela obscuridade no que tange a sua natureza, a qual posteriormente é denominada de “mal branco”, justamente por conferir uma visão totalmente branca, uma espécie de “mar de leite”, como tratado na obra. O mal não possui origem conhecida na comunidade científica e, por isso, preocupa e causa temor na população. Aos poucos, a cegueira se espalha e contamina mais e mais pessoas, sendo declarada pelo então governo da cidade, cidade não revelada pelo autor, como uma epidemia.

O governo com vistas a controlar a situação decide internar os contaminados e pessoas que tiveram contato com esses em um antigo manicômio sob quarentena. É nesse momento, o da convivência dessas pessoas dentro do manicômio que ao autor é possibilitado observar, narrar e trazer seu leitor para uma reflexão sobre o homem, o ser social que o é e as conquistas da humanidade diante de uma realidade diferente da outrora vivida.

Nessa realidade, ao invés da visão que distingue as coisas do mundo, o homem não consegue distinguir aquilo que lhe fora concebido como certo e característico; ao invés de uma vida

de relações rasas, o homem encontra-se forçado a manter uma relação mais próxima aos demais, uma vez que depende muito do outro para se sustentar no mundo diferente do que conhecera, diferente devido a nova percepção que tem do espaço, do tempo, das relações, etc. É assistindo à convivência dessas pessoas, convivência essa que aos poucos se torna caótica, que o autor revela-nos a fragilidade dos institutos humanos, da sociabilidade, da moralidade, da divisão do poder, da dignidade humana e, por fim, da condição e da manutenção da vida; um progresso humano frágil assistido por aquele que vê o mundo como ele de fato o é, aquele que dispensa as verdades já preconcebidas, o mundo pronto, que não se esconde por traz das aparências. Essa visão de mundo é perceptível, na obra, pela mulher do médico - um dos personagens - a única, na narrativa, que não é atingida pela cegueira e consegue perceber a vida desnuda de forma mais aguçada.

### 3. IDENTIDADE HUMANA

No decorrer de toda a obra questiona-se de forma explícita e implícita a identidade do homem e de sua percepção pelos demais membros do corpo social.

[...] aqui ninguém nos virá atacar, podíamos ter roubado e assassinado lá fora que não nos viriam prender. nunca aquele que roubou o carro esteve tão seguro da sua liberdade tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos. nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê. para que iriam servir-nos os nomes nenhum cão reconhece outro cão ou se lhe dá a conhecer (SARAMAGO, 1995, p. 33).

Revela-se, nesse momento, que as condições do meio onde essas pessoas se encontram já começam a perturbá-las, pois as mesmas começam a refletir sobre a condição na qual estão dispostas. E é nesse momento que começa a se colocar em pauta a questão da identidade humana.

Observa-se que a identidade humana, o reconhecimento da natureza de um ser qualquer, isto é, conhecer, reconhecer e diferenciar um ser do outro, é uma característica em desuso em um mundo onde as pessoas não veem a verdade interior, mas, sim, a exterior, a forma, os objetos pertencentes a esse, ligando de forma muito clara o ser humano a um objeto qualquer, com características de mercado. Saramago deixa evidente essa ponderação quando trata seus personagens não pelos nomes, mas por uma característica muito forte e/ou função social assumida por esses como, o médico, a mulher do médico, a recepcionista, o menino estrábico, a rapariga de óculos escuros, etc. Todos esses são personagens da narrativa que sempre são referenciados dessa forma.

Como se ressalta, o autor prefere não tratar seus personagens como comumente tratamos as pessoas, com nomes e características particulares e diferenciáveis, com dois propósitos. Primeiro, dessa forma o autor procura instigar o seu leitor a refletir sobre a identidade humana de forma geral, ou seja, o que somos num contexto universal? Existe uma única identidade humana num contexto que abranja toda a sociedade global? E se vier a existir, seria essa identidade uma farsa, uma aparência, com distintivos artificiais, e, se assim o fosse, poderia fazer do mundo um lugar tomado pelo caos, uma vez salta aos olhos, na obra sob reflexão, uma identidade humana de aparências?

Inúmeras são as evidências na obra que contribuem para uma reflexão sobre esses levantamentos. A vida no manicômio é uma forte evidência, pois depois de um dado tempo, essa se

torna um caos justamente por causa do seres humanos desvirtuados que se tornam os mantidos sob a guarda do Estado; impossibilitados de levar a vida como antes o levava, onde o respeito, a dignidade, a razão social, os níveis de poderes e os bens tornaram-se intoleráveis e/ou insignificantes diante das novas condições que se apresentavam. Dessa forma, considera-se que o autor tenta mostrar a fragilidade do ser humano e o quão deteriorável se torna as conquistas desse quando o mesmo não consegue lidar com as inseguranças e incertezas da vida.

## 6. A FRAGILIDADE DO PROGRESSO HUMANO

Nota-se que os desdobramentos da obra frequentemente exaltam temáticas doravante discutidas pelas culturas globais, as quais se revelam em movimentos que se dão na sociedade contemporânea. Essas temáticas como opressão, dominação, identidade, moral, sociabilidade e espírito progressista são questões vivenciadas comumente no dia a dia da vida humana.

Alude-se à matéria de opressão, poder e dominação, a atitude da liderança política tratada na obra pelo governo da cidade onde se iniciou o “mal branco”, o qual impõe seu poder e decide colocar sob observação todos os contaminados e possíveis contagiados, mesmo sem resposta científica sobre a doença, sua natureza e conseqüências. Assim decidiu, [...] todas as pessoas que cegaram, e também as que com elas tivessem estado em contacto físico ou em proximidade directa, seriam recolhidas e isoladas, de modo a evitarem-se ulteriores contágios.” ( SARAMAGO, 1995,p. 22).

A atitude do governo de uso do poder soberano revela o quão subordinado encontra-se o ser humano vivendo em sociedade. Esse se entrega consciente ou inconscientemente a um ser artificial de controle supremo, revelando a fragilidade da autonomia que diz possuir, o Estado.

Outra questão que merece reflexão é em relação ao valor de igualdade e respeito mútuos, apresentando-se estes ideais em decadência através da submissão do homem às incoerências da opressão e da nova realidade instalada pelas atrocidades cometidas.

A cessão do limite da civilização e a autodestruição ficam evidenciadas quando as mulheres se submetem a ter relações sexuais forçadas por troca de alimentos (altura da narrativa onde a divisão de alimentos repassados pelas autoridades torna-se caótica em virtude do controle dos repasses por um grupo autoritário formado dentro do manicômio) situação essa totalmente deplorável e humilhante. Ao se refletir sobre a trajetória da mulher do médico na narrativa, é constável a solidariedade desprendida por ela em relação aos demais cegos, tanto nos momentos passados dentro do manicômio como no retorno à cidade – retorno esse que se dá em momentos de desfecho da história-, característica que vagueia em meio a um mundo que se perde em razão da ignorância humana em não se atentar à realidade desnuda, fala-se da artificialidade da identidade humana presente na crítica metafórica de José Saramago.

Toda a forma de tratamento dado pelo autor no Ensaio sobre a Cegueira, o qual tem o ser social e ético como base discursiva, e, o instituto do dever-ser como característica comportamental que toma novo rumo nas relações sociais, remete-nos a refletir e entender o que se tem por trás da máxima crítica presente na obra.

A intenção da metáfora é demonstrar que a cegueira é a condição natural do ser humano contemporâneo. Cegos estamos para aquilo que dá sentido à vida humana, aos valores que instituíram a ideia mesma de civilização, os valores básicos da solidariedade social, a perspectiva da defesa dos mais frágeis perante a cobiça dos mais fortes. É de fundo ético a cegueira que corrói nossa alma e que nos desumaniza dia a dia (TEIXEIRA, 2010, p. 3).

Todavia, claro se torna, o entendimento de que é frágil o que se tem por “progresso humano”, por essa noção de evoluir-se enquanto seres sociais, éticos e civilizados, uma vez que o arcabouço dessa estrutura humana, constituição, é sensível e requer manutenção para continuar prosperando. Logo, o não acordar para o hoje, para a situação real dos dias atuais, é negar a evolução humana do ponto de vista ético e social.

## 7. CONCLUSÃO

Por meio da reflexão realizada, compreendeu-se que a característica peculiar do ensaio literário é o juízo de valor, o qual é aplicado não somente através dos personagens, mas, também sob a forma de um discurso indireto que denuncia a corrupção moral da sociedade contemporânea. Mostrando, dessa forma, a fragilidade da condição humana diante da perda dos institutos formadores de sua identidade, a exemplo, os sociais.

Nessa observação, tem-se que o progresso humano encontra-se comprometido, ameaçado, uma vez que perdendo o caráter ético e social do homem, perda transparente na narrativa de Saramago, perde-se a busca, o sonho de uma sociedade ideal. Percebendo o homem, dessa forma, que existe uma dependência recíproca de todos para com todos que tem a capacidade de validar o caminhar e conquistar, sendo que sem a união de forças e esforços não se obtém êxito nessa jornada comum, o progresso da humanidade.

Entretanto, é possível um resgate do humano ou, se não do caráter humano, ao menos do equilíbrio da natureza humana, a qual propicia a vida em sociedade. Esse resgate, todavia, se faz possível por meio do agir consciente de cada um, sendo sensível aos problemas da realidade ética e social vivida, pois assim se possibilita encontrar meios para solucioná-los, corrigi-los.

Portanto, perceber-se como cooperador da vida em sociedade e contribuinte para o progresso da humanidade é se encontrar como ser social ativo.

## REFERÊNCIAS

- BARATA, André. **A literatura como escolha filosófica**. In MARINHO, C., ALMEIDA, J. ( Edts.) Sartre – Um filósofo na literatura. Porto: FLUP, p. 27-43. 2005.
- BRITO, Danielle Santos de. **A Importância da Leitura na Formação Social do Indivíduo**. Periódico Revela, FALS Ano IV, nº VIII. 2010. Disponível: < [http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4\\_ed08.pdf](http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf)>. Acesso em: 14 de dezembro de 2014.
- CORREIA, Cristiane Agnes Stolet. **O Explícito e o Implícito da Cegueira Social na Obra de José Saramago**. Rio de Janeiro: Revista Garrafa 20, Nº 20, ISSN: 1809-2586. 2010. Disponível: < [http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa20/cristianeagnes\\_oexplicitoeoimplicito.pdf](http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa20/cristianeagnes_oexplicitoeoimplicito.pdf)>. Acesso em: 14 de dezembro de 2014.
- LARAIRA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. ed. 14. Rio de Janeiro: Zahar, 1932.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Filosofia enquanto auto-reflexão da razão**. Rev. C. Sociais, vol. Nº 1.

Fortaleza, 1973. Disponível em: <[http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v4n1/rcs\\_v4n1a5.pdf](http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v4n1/rcs_v4n1a5.pdf)>. Acesso em: 23 de janeiro de 2015.

ROSENFELD, Anatol. Introdução. In: SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. São Paulo: E.P.U., 1991, p. 07-34.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TEIXEIRA, Gilberto Lopees. **Reflexões em torno de Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago**. São Paulo: Editora Aurora. 2010.